

Jacques Lacan é complicado? Como entender o revolucionário da psicanálise, que faz sucesso no Brasil

“Seminário 15” chega ao Brasil, e Christian Dunker lança livro explicando o estilo do francês

Por [Bruno Yutaka Saito](#)

— São Paulo

Valor, 01/10/2025

“Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer.”

“O inconsciente é estruturado como uma linguagem.”

“A relação sexual não existe.”

Fora de contexto e assim lapidadas, essas frases espirituosas do psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) podem sugerir que suas formulações são de entendimento simples, ainda que enigmáticas. Sua já vasta bibliografia no Brasil é ampliada constantemente, com lançamentos como “O seminário - Livro 15: O ato psicanalítico” e “O estilo de Lacan”, de Christian Dunker.

Vários memes inspirados no psicanalista, como o já clássico “Lacan caminhoneiro”, que traz fotomontagens de seus aforismos em parachoques de caminhões, somam-se à moda do uso da expressão “terapia em dia” em aplicativos de relacionamento. Deixar o inconsciente falar no divã pode ser um ativo tão valorizado quanto uma foto em frente à Torre Eiffel. Essas peculiaridades brasileiras estão na ponta do iceberg da ainda alta popularidade dessa área do conhecimento fundada em 1900 por Sigmund Freud em Viena.

Dunker conta que um dos motivos que o levou a escrever “O estilo de Lacan” foi “tentar entender como é que um autor com tantas exigências, com tantas idiossincrasias, com tanta erudição, se torna popular no Brasil”.

É um sinal de que os esforços da vasta produção de conteúdo audiovisual e literário nas redes sociais e na mídia em geral de psicanalistas como o próprio Dunker, Vera Iaconelli e Maria Homem, ou filósofos como Vladimir Safatle, geraram frutos. Os quatro, não por acaso (nada é ao acaso na psicanálise), seguem a orientação lacaniana.

Além de tratar de questões de foro mais íntimo ligadas a saúde mental, relacionamentos interpessoais etc., muitos desses pensadores vêm reafirmando a vocação psicanalítica de comentarista social e analisam a crise da democracia e a escalada fascista mundo afora em tempo real, ampliando a base do público para além da seara psicológica.

Dunker cita as diferenças de idades entre psicanalistas na França, em torno de 50 anos, e nos EUA, em média 82 anos no caso dos psicanalistas didatas (aqueles que formam outros psicanalistas), para contextualizar o “cenário brasileiro, completamente diferente, com muitos jovens estudando psicanálise” e uma “psicanálise que chegou às ruas”.

Mas o leitor que não é da área e, seduzido por memes, decide mergulhar diretamente na obra de Lacan costuma levar um choque. Muitas pessoas, num primeiro contato com a obra do francês, têm uma sensação de “indignidade intelectual”, diz Dunker. “Costumam dizer: ‘Eu não entendi nada, é muito difícil’”, conta. “Saem moídas pela experiência.”

“Lacan subverteu a psicanálise, no sentido de torná-la mais contemporânea”, diz a psicanalista Angelina Harari, editora da revista *Opção Lacaniana*.

Nascido em 1900 em uma abastada família de fabricantes de vinagres em Orléans, Jacques Lacan formou-se em medicina e encaminhava-se para a psiquiatria. Foi com a psicanálise, no entanto, que marcou seu nome na história, ao provocar um cataclismo não só nessa seara do conhecimento, mas no cenário cultural do Ocidente.

Enquanto Freud (1856-1939), com quem nunca chegou a se encontrar, estabeleceu a psicanálise e a investigação do inconsciente a partir do campo da medicina, Lacan partiu da linguística. Para ele, o inconsciente se encontra justamente na linguagem, daí sua associação inicial aos estruturalistas.

Foi a maneira de Lacan, nos anos 50, colocar em marcha seu “retorno a Freud”, incomodado com os rumos que a psicanálise tomava àquela altura, conformadora, sem o caráter subversivo inicial. Com o passar dos anos, ele foi adicionando à sua teoria influências distintas e inusitadas, como matemática, a escrita chinesa, entre outras, a tal ponto que criou uma teoria quase à parte daquela de Freud.

Na prática, nos consultórios, Lacan ainda provoca mal-entendidos para quem pensa que um analista deve dar “conselhos” sobre o que fazer na vida. Transgressora do mandamento freudiano das sessões de 50 minutos, a análise lacaniana é aberta a variações, com durações que podem ser de apenas 5 minutos ou mais de uma hora. O psicanalista lacaniano fala pouco e faz poucas, mas precisas, intervenções sobre a fala do paciente. Na caricatura de filmes e séries, é aquele analista que não abre a boca e só fala “a-hã” ou “até a próxima sessão”.

Dunker analisa quatro traços do discurso lacaniano, a partir do ponto de vista do Brasil, uma vez que “o estilo é definido pela alteridade onde a tua carta chega, onde tua mensagem chega”. Por isso, seu livro também ajuda a responder à pergunta “Por que Lacan faz sucesso no Brasil?”.

Para Dunker, o primeiro traço, a “oralidade” de Lacan, remete ao fato de que “o Brasil é um país marcado pela oralidade, inclusive pela oralidade forçada, dos escravizados, dos indígenas, da repressão”.

Diferentemente de Freud, que buscou deixar muito claro o que pretendia transmitir, Lacan deu rodopios na linguagem e não deu primazia aos textos, apesar do livro “Escritos” (1966), que o tornou mais conhecido à época. Casos clínicos de Freud, como “O homem dos ratos”, podem ser lidos e apreciados até hoje como se fosse um bom romance.

Conferências e aulas abertas ao público ministradas por Lacan, entre 1952 e 1980, foram o principal meio de transmissão de seu conhecimento, consolidado para a posteridade na série de livros resultantes, “Os seminários”. São ao total 25 livros, mas 7 ainda não foram lançados nem na própria França.

Esses seminários viraram uma atração turística para o público em geral, artistas e intelectuais públicos. Glauber Rocha, Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault e Gilles Deleuze, por exemplo, eram alguns dos célebres frequentadores. O “Livro 15 - O ato psicanalítico” chega ao Brasil, como sempre pela Zahar, um ano após a edição francesa.

Nele, Lacan reformula ideias e busca responder à questão “O que é um analista?”. Para isso, ele estuda desde o que é um ato até a lógica por trás do percurso de uma análise. Atropelado

pelo Maio de 68 que acontecia à sua porta, o seminário traz um Lacan atento à rebelião, inicialmente frustrado por não “estar à altura dos acontecimentos”.

Os livros da série “O seminário” não são meras transcrições para texto do áudio dos seminários, algo que a inteligência artificial poderia fazer em poucos minutos hoje em dia.

Tampouco é uma “conversão”, como enfatiza Angelina Harari, assessora brasileira da Coleção Campo Freudiano no Brasil junto à Zahar. No “Seminário 15”, ela é responsável pela versão final da tradução feita por Teresinha N. Meirelles do Prado.

A relação de Harari com essas edições no Brasil remetem a 1994, quando conheceu o editor Jorge Zahar (1920-1998), indicada para traduzir Lacan. No entanto, a conversa tomou outros rumos.

“Ele me convenceu de que eu não teria tempo de fazer tradução, porque eu estava muito envolvida com meu consultório e a minha formação”, diz. Ela se tornou, então, “responsável pelo livro, ou seja, cuidar dos problemas de tradução, dos abacaxis”. “‘Estabelecimento de texto’ é uma função”, diz Harari, utilizando um jargão. “Quando Lacan estava vivo, ele concedeu a Jacques-Alain Miller a tarefa de organizar os escritos.”

Miller era genro de Lacan, e o “estabelecimento” indica que há uma coautoria nos textos, apesar de o escritor e psicanalista hoje com 81 anos ter recusado a nomenclatura. Como pode ser conferido no YouTube, Lacan era um performer, atuava. Nem tudo de sua fala é captado em texto, como ênfases e tonalidades de voz. Misturava referências e citações, mas não as enunciava. Nos “Anexos” do “Seminário”, Miller inclui “Algumas referências e um divertimento”, notas e bibliografia.

“Lacan não dá todas as peças. Tem muitas coisas nas entrelinhas que os alunos dele conheciam”, explica Harari. “Nós, que somos da área, não achamos tão complicado assim.”

Analistas lacanianos entendem que enfrentar as idas e vindas do texto de Lacan tem a ver com a própria dinâmica da fala de um paciente em análise e são essenciais para a formação de um profissional. Mas, com os leitores em geral, é outra história.

“Ele não escreve e não fala de uma forma que a pessoa possa consumir vorazmente.”

Até alguém do porte do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), outro intelectual que caiu no gosto de acadêmicos brasileiros, reconhecia que ler Lacan não era fácil. “Acho que o hermetismo de Lacan se devia ao fato de que ele queria que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma ‘consciência’ de suas ideias”, disse em 1981 o autor de “Vigiar e punir”. Dunker menciona o barroco como outro traço do estilo de Lacan. “Qual foi a primeira forma cultural que montou nossas cidades, nossa arquitetura, nossas igrejas?”, questiona. Assim como estátuas e esculturas do barroco, repletas de curvas, espirais, exageros, é uma fala tomada por rodeios e exageros. “É a língua do colonizador, é a língua oral, muito investida nas imagens, na retórica de José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, Padre Antônio Vieira”, diz. “A nossa história, não só de ser colonizado, mas de resistência à colonização, passa pelo barroco, Gregório de Matos.”

Essa dilatação de temporalidades está presente na própria estrutura de publicação dos “Seminários”, que segue em andamento 44 anos após a morte de Lacan. “Alain Miller definiu uma estratégia de publicar cada volume paulatinamente. Cada livro tem que ser absorvido pela comunidade”, diz Harari. “Ele tem essa estratégia de escalonamento no tempo. Nos últimos anos, como ele está mais velho, tem publicado todo ano. Então, faltam pouquíssimos.”

Outra característica destacada por Dunker é a “mística medieval”. “Menos do que uma religião ou teologia, ela é um exercício narrativo de criação e liberdade do que pode ser dito e do que deve ser silenciado”, escreve no livro. “Lacan tem essa relação com um certo tipo de misticismo, uma filosofia que vai ser muito compatível com a religiosidade híbrida, plural, que caracteriza ou caracterizava o Brasil”, diz.

Por fim, ele destaca um aspecto de Lacan que, com o passar dos anos, acabou um tanto esquecido, apesar de ser historicamente bem registrado. “No fundo, Lacan era um surrealista”, diz.

O escritor André Breton e o artista Salvador Dalí, nomes na linha de frente do movimento de vanguarda artístico, existencial e político da década de 1920, eram fascinados pela psicanálise, que consideravam em sintonia com o surrealismo. Freud

renegou tal aproximação, enquanto Lacan incorporou o surrealismo.

Dalí ganhou o interesse de Lacan quando escreveu uma resenha na revista surrealista “Minotaure”, em 1933, sobre sua tese a respeito de psicose paranoica. Décadas depois, entrou para o folclore o encontro entre o artista, com um esparadrapo no nariz, e o psicanalista.

O próprio “Manifesto surrealista” (1924) já parece remeter a Lacan. “A linguagem foi dada ao homem para que ele faça dela um uso surrealista”, escreve Breton. Mas não se trata apenas das atitudes teatrais de Lacan e seus famosos ternos e gravatas chamativos que o associam ao movimento. “O surrealismo está profundamente ligado com um certo ideário moderno, modernista, de modernização. É uma espécie de síntese final de que precisamos de um novo homem”, diz Dunker.

“Há uma interpretação muito forte de ver o Brasil como um projeto de modernidade, de modernização”, afirma. Movimentos como o Cinema Novo, Bossa Nova, concretismo, neoconcretismo etc. projetaram uma nova imagem do país no exterior e vicejavam nos anos 60, quando as ideias de Lacan chegavam aqui, assim como nos anos 80, quando a redemocratização trouxe um novo vigor ao pensamento crítico e analítico local, uma “segunda volta no parafuso”.

Alguns trechos do “Manifesto” podem ajudar o leitor incauto de Lacan. Breton já dava a dica: “Escutar-se, ler-se, não têm outro efeito que não seja suspender o oculto, o admirável recurso. Não tenho pressa em compreender-me (Basta! Sempre vou me compreender!)”.

[Mais recente](#)[Próxima](#) **Véspera da morte de Robespierre, na Revolução Francesa, foi o dia ‘mais bem documentado em todo o século XVIII’**